

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Quem fala e em qual lugar: sujeitos simulados e pós-construtivismo. In:__. Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas da interculturalidade. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005. Cap. 7. p.183-208.



Mariana de Souza Alves

Doutoranda em Ciência da Informação - PPGCI/UFPE
mdsa@gmail.com

Antropólogo argentino, Néstor Garcia Canclini é um pesquisador contemporâneo de temas como cultura, comunicação e sociologia na pós-modernidade, no contexto das regiões latino-americanas. Neste livro, Canclini busca a partir de uma perspectiva intercultural discutir o lugar dos sujeitos de diferentes culturas, classes sociais, sujeitos conectados ou excluídos no mundo globalizado. Pretende debater a necessidade de uma identidade dos sujeitos individuais e coletivos bem como políticas culturais que deem conta do novo panorama intercultural e promovam cidadanias sólidas. O livro estrutura-se em duas partes: mapas e perspectivas. Na primeira o autor faz um mapeamento conceitual de alguns temas que são tratados no livro e na última traz alguns temas emergentes e propõe algumas alternativas para as questões.

O capítulo a ser analisado aqui é o segundo texto da segunda parte: trata de simulação dos sujeitos diante da interculturalidade. O autor inicia o texto com a seguinte pergunta: que tarefas de investigação, teóricas e políticas são necessárias para dar solidez a cidadanias possíveis e com sujeitos reais e críticos? Pergunta que vai ser respondida em parte, junto com outros questionamentos feitos no texto. O início do texto faz uma discussão quanto a simulação e ficcionalização dos sujeitos. Pergunta-se até que ponto a difusão de comunicação em massa, o anonimato de perfis pela internet, os avanços da robótica, e o transvestimento de gênero nos permite ser sujeitos e qual o conceito de sujeitos se tem hoje em meio a esses novos eventos. O fingimento e simulação dos sujeitos perpassam várias instâncias da atualidade, que vão desde a academia, literatura, comércio eletrônico, redes sociais virtuais entre outros.

No entanto, essa ficcionalização dos sujeitos entusiasmada pela pós-modernidade, não pode ser justificada em qualquer contexto. Para conviver em sociedade é necessário existir sujeitos responsáveis, por isso é necessário encontrar formas “[...] empiricamente identificáveis, não só discursivamente imaginadas, de subjetividade e alteridade” (p. 187). Percebo que o conceito de alteridade e subjetividade aqui se relaciona diretamente com a noção dada por Bakhtin, pois se referem a uma dimensão humana que reconhecem sua constituição a partir do outro e que esse processo é algo que se estabelece socialmente através das interações cotidianas e da linguagem (GRUPO..., 2009). Dado que a noção clássica de sujeito mudou, por conta não apenas das questões do virtual como também devido aos múltiplos pertencimentos dos sujeitos (tendo em vista as migrações massivas), as formas de estudá-lo também devem mudar. É necessário adotar metodologias híbridas

para dar conta da variabilidade das identificações, já que os sujeitos não pertencem mais a apenas uma cultura.

Antes de propor novas alternativas para esse problema, Canclini parte para uma compreensão do conceito de *sujeitos* que foi se modificando no decorrer da história. A começar pelo rompimento da noção de consciência, pois até o século 19 acreditava-se que ela era tal como se apresentava a si mesma e era tida por muitos filósofos da época, como única fonte de conhecimento e certeza. A partir do século 20 essa noção foi reformulada por meio das teorias marxistas e psicanalíticas. Marx vai dizer que são as relações sociais que definem o sentido das coisas, que a consciência é um produto social dependente das relações materiais de produção, além disso, condena a consciência de estar sempre atrasada em relação aos fatos, de ser apenas sua ressonância passiva. Freud, por sua vez, propôs a desconfiança do saber consciente, já que ele descobre o inconsciente e revela que grande parte dos nossos instintos e comportamento são determinados por ele e não apenas pelo consciente. Mediante isso, pode-se dizer que as teorias existencialistas (consciência, sujeito, liberdade) dão lugar as teorias estruturalistas (regras, estruturas e códigos que nos constituem). Canclini traz uma consideração sobre a importância do estruturalismo no plano da linguagem para mostrar que os autores citados por ele buscaram estudar o papel dos sujeitos falantes para dizer que a linguagem tem um papel fundamental na construção da subjetividade dos sujeitos. O escritor afirma que é necessário um estudo da linguagem para além dos aspectos internos da língua, que investigue como a língua está envolvida na comunicação entre as pessoas e como ela altera as interações sociais. Além disso, traz Bourdieu para a discussão, por acreditar que a teoria bourdieana constitui “[...] um marco compreensivo das interações pelas quais o social interioriza-se nos indivíduos e faz com que as estruturas objetivas concordem parcialmente com as subjetivas” (p. 196).

Canclini buscou até aqui conceituar os sujeitos a partir de dois pilares: um abstrato com o intuito de discutir a natureza universal dos sujeitos através da psicanálise e filosofia; outro empírico com as variedades de ser sujeito mediante uma cultura, classe ou nação (Bourdieu), por meio da antropologia e sociologia. A partir de então introduz a questão da interculturalidade, pois julga ser um evento importante na discussão sobre sujeitos. O autor afirma que com a globalização houve uma transnacionalização material e simbólica modificando a interação dos indivíduos com a sociedade e, portanto, reconfigurando a noção de sujeito. Ou seja, a crença de que os sujeitos são marcados por uma nacionalidade e etnia e que essa relação se estabelece unicamente com essas instâncias durante toda a vida, não se sustenta mais. Por isso, percebe-se que parte do conceito de cultura de Geertz não faz mais sentido já que ele defendia que todos as pessoas são aptas a receber um programa, que é a cultura, tendo uma pessoa, a capacidade inicial de viver em qualquer cultura (milhares), embora vivamos apenas uma (LARAIA, 2001).

Atualmente as identidades dos sujeitos são formadas a partir de conexões interétnicas e internacionais. A formação do sujeito não se dá apenas pela cultura do país que nasceu, mas pela variedade de conteúdos simbólicos, do fluxo tecnológico e informacional e de modelos de condutas originados do mundo todo, “[...] podemos cruzá-los e combiná-los”, (p. 201). Essa nova vivência do sujeito parece conduzir a uma desconstrução mais radical do que as propostas pela teoria marxista, psicanalítica e estruturalista, colocando novos questionamentos às certezas defendidas por essas

teorias. Com essa abordagem da interculturalização, Canclini tanto defende que as pessoas sejam mais toleráveis às diferenças e que o governo crie políticas que assegurem direitos para dar conta desse novo panorama intercultural, como questiona sobre nossas reais identidades perante essa hibridez cultural e tecnológica e pede cautela para as simulações e anonimatos dos sujeitos. Interessante observar que a globalização e interculturalidade trazem vários questionamentos que são abordados por diferentes olhares por cada autor. Enquanto Canclini pede cautela com a mistura cultural por conta dos riscos de perda de identidade, Crary (2014, p. 59) baseado em Stiegler (2004) afirma que é a homogeneização dos comportamentos gerados pela difusão em massa dos meios e objetos de comunicação que implicam na perda da identidade e da singularidade subjetivas.

Conclui Canclini que ser sujeito hoje parece não ser mais uma desconstrução da consciência ou crítica a fetichização da mercadoria. Um novo paradoxo se instaura entre a concepção de sujeitos. Para finalizar, ao discursar sobre os sujeitos periféricos, coloca que não se trata de ignorar as elites ou o sujeito simulado a partir do padrão tido como universal oriundo de países de primeiro mundo, nem tão pouco dar vez unicamente aos subalternos das nações periféricas. “Trata-se, antes, de colocar-se nas interseções e ser transformados. Converter os condicionamentos em oportunidades para exercer a cidadania”. (p. 208). Em resumo, explica Canclini: o fascínio de estar em toda parte e a angústia de não estar em nenhuma com segurança, de ser muitos e não ser ninguém, mudam a discussão sobre a possibilidade de ser sujeitos já que são construídos e simulados constantemente. Talvez estejamos num momento de aproveitarmos oportunidades para atuarmos como atores verossímeis, capazes de fazer acordos sociais confiáveis com alguma duração em interseções compartilhadas.

REFERÊNCIAS

CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. Tradução: Joaquim Toledo Jr. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO. Universidade Federal de São Carlos. **Palavras e contrapalavras**: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.